

Adultização e captura da infância



Por **FRAN DE OLIVEIRA ALAVINA***

A adultização representa a invasão neoliberal e a compressão do tempo sobre a infância, transformando crianças em miniaturas adultas, de coaches financeiros a pastores mirins, esvaziando o mundo simbólico infantil

1.

Desde que o trabalho de @Felca0 sobre a exposição, monetização e violação do direito de menores na internet atingiu repercussão nacional, furando bolhas nas redes, o termo adultização passou ao centro do debate público, ao cerne das disputas narrativas.

Como toda questão contemporânea que ganha espaço nas redes sociais – que capturaram o que antes se chamava de opinião pública –, algum aspecto viral acaba por fagocitar outras determinações da questão. Assim, abarcado pelas redes, o assunto ganha visibilidade, porém rapidamente se torna esquecido, jogado no cesto dos assuntos descartáveis.

É preciso, contudo, recordar que, por traz das questões suscitadas nas últimas semanas, a infância, por conseguinte, as crianças são alvo não apenas de *influencers*, mas de uma sociedade regredida em seus aspectos mais determinantes. Não é de hoje que as crianças são alvo e ao mesmo tempo escudo de finalidades políticas espúrias.

Se as crianças são adultizadas, é preciso questionar o que mudou no comportamento dos adultos. As campanhas contra o espantinho da “ideologia de gênero” foram o primeiro sintoma disso. Na maioria das vezes se focou nas questões de gênero e de educação, desconsiderando que também estava em disputa certa concepção de infância.

Desse modo, é preciso compreender a adultização não apenas como “exposição precoce de crianças a comportamentos, responsabilidades e expectativas que deveriam ser reservados aos adultos”, como se tem feito, mas como invasão, manipulação e quase aniquilamento daquilo que podemos considerar como sendo próprio do mundo de sentido infantil. Uma esfera autônoma e diferente em relação ao mundo adulto: com pensamento, ações e sentimentos próprios. Ou seja, a exposição é apenas o elemento mais visível.

Apesar do reconhecimento de tal diferença, o mundo adulto sempre se mantém como um manipulador sutil da esfera infantil, pois se espera que as crianças sejam preparadas não apenas para se adaptar ao que um dia será delas – o mundo adulto – mas também que reproduzam o mundo de seus pais. Sob este aspecto, elas nunca deixaram, na prática, de ser consideradas como adultos em miniatura.

Já que se trata de um ser em relação ao qual se confunde proteção e cuidado com tutela opressiva, para a maioria dos adultos é impossível conceber o mundo infantil no horizonte de certa liberdade, pois suas próprias infâncias foram gestadas também sob controle.

2.

Por isso, quando se diz que “menino veste azul e menina veste rosa”, tem-se um exemplo de repetição da invasão do mundo dos adultos sobre o mundo infantil, que acaba sendo violado em seu aspecto simbólico. Não é isso também um tipo de adultização, justamente por aqueles que se arvoram como defensores das crianças? Transferem para o mundo infantil a obsessão adulta pelas demarcações sociais de gênero.

A adultização diz também sobre o modo como atualmente o mundo dos adultos faz uma feroz compressão do tempo, no qual tudo deve ser para agora, não respeitando tempos psíquicos distintos, ou mesmo o tempo biológico do corpo. Assim como são apressados os tempos da produção, pois tudo deve ser feito para consumo imediato; também se requer que as crianças assumam o quanto antes o comportamento dos adultos. Ou melhor, aquilo que estes consideram como sendo o comportamento padrão aceitável: sua mais fidedigna repetição.

Basta lembrar que antes do trabalho de @Felca0, um dos assuntos virais era o missionário e pastor mirim Miguel. Numa rápida consulta aos comentários das notícias sobre a proibição de suas pregações – proibição recomendada pelo Conselho Tutelar –, constata-se que uma maioria era contra a medida, por considerar que o jovem nada mais era que “um instrumento de Deus”.

Enxergam no adolescente missionário aquilo que se espera de um pastor adulto experimentado: pregações, louvores e curas. Os cristãos parecem esquecer que as pregações públicas de Jesus só aconteceram depois dos 30 anos.

Não basta adultizar em nome da fé. Se formos à religião de nosso tempo – o neoliberalismo – veremos adultos aplaudindo que crianças de dez anos de idade falem como se fossem empreendedores, investidores da bolsa. Já vai longe o tempo do brincar de banco imobiliário, quando se perdiam fichas nos tabuleiros, agora as crianças não brincam de ter dinheiro de mentirinha, mas são incentivadas a investir de fato. Devem pensar, agir e sentir como adultos. Ou seja, trata-se de uma mutação antropológica completa. Crianças que sabem investir, mas não sabem brincar.

Não considerar abjetos os adultos violadores que incentivam crianças *coach* de investimentos é já ter se rendido à lógica de que não há separação entre o mundo infantil e o mundo adulto. É adultizar sem perceber; da forma mais perversa, por naturalização.

A concepção de infância como conquista social, elaborada a partir do século XVIII e que se consolidou apenas no século XX, vai se esgarçando como bem comum nestas duas primeiras décadas de século. Na atual configuração do neoliberalismo, as crianças passam a ser, de novo – como antes do século XVIII –, adultos em miniatura. Nada estranho para um sistema que em seu começo se aproveitou do trabalho infantil, explorando crianças até a morte. Hoje, matam-nas aos poucos em vida, não permitindo que exista, de fato, um mundo infantil.

***Fran de Oliveira Alavina** é professor de filosofia na Universidade Federal nos Vales do Jequetinhonha e Mucuri (UFVJM).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA